

TRAJETÓRIA DO ARQUITETO NINO ROBERTO MACHADO NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Lisiane Zwirtes¹; Prof. Dra. Caliane Christie Oliveira de Almeida²

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu. IMED. Brasil.
lisi.zw@hotmail.com

2 Orientador(a) Profa. Dra. no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu. IMED. Brasil.

caliane.silva@imed.edu.br

RESUMO

O trabalho aborda o período de formação e os primeiros anos de atuação profissional do arquiteto e urbanista Nino Roberto Schleder Machado entre as décadas de 1960 a 1970, principalmente na cidade de Passo Fundo, que concentra maior parte de suas obras. O principal objetivo é estudar como foi a atuação do citado arquiteto e como o contexto histórico e arquitetônico brasileiro influenciou suas obras. Estas análises foram realizadas através de entrevista com o profissional e revisão. Foi possível constatar que a situação econômica no período estava otimista em seus primeiros anos de atuação profissional. O arquiteto utilizou em suas obras algumas características de vocabulários arquitetônicos presentes no período, como da arquitetura moderna e brutalista, observados em viagens que fez pelo Brasil. Além disso, também foi possível perceber que teve um importante papel no crescimento da cidade no período estudado.

Palavras-chave: arquiteto; Nino Machado; formação; obras.

ABSTRACT

The work deals with the study of the period of formation and the first years of professional activity of the architect and urban planner Nino Roberto Schleder Machado between the 1960s and the 1970s, mainly in the city of Passo Fundo, which concentrates most of his works. The main objective is to study how the aforementioned architect performed and how the historical and architectural context influenced his works. These analyzes were carried out through interviews with the professional and a bibliographic review in order to understand the political, social, economic and architectural situation in Brazil during the studied period. It was possible to verify that the political period of the time intervened in the contact he had with some teachers. The economic situation was favorable to the first years of professional activity. The architect used in his works characteristics of architectural vocabularies observed in trips around Brazil, such as modern and brutalist architecture. In addition, it was also

possible to perceive that it had an important role in the growth of the city in the studied period.

Keywords: architect; Nino Machado; formation; construction.

INTRODUÇÃO

O presente artigo concentra-se na análise inicial da trajetória acadêmica e profissional do arquiteto e urbanista Nino Roberto Schleder Machado em Passo Fundo, ao longo das décadas de 1960 a 1970. Neste período, o profissional graduou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1964-1969), e iniciou a sua atuação em Porto Alegre, Passo Fundo e outras cidades do estado e da região sul do país.

O mencionado arquiteto e urbanista possui uma trajetória de atuação de mais de 50 anos em Passo Fundo e região, localidade onde iniciou sua carreira. Considerando o recorte temporal, será possível entender as particularidades do curso de formação, bem como o processo metodológico de projeto do Nino Machado, sua dinâmica de projeto e principais referências adotadas na sua produção. Além disso, será possível compreender o contexto urbano e histórico (social, político, econômico) da época de elaboração dos projetos concebidos no período e suas especificidades e dificuldades enfrentadas por ele ao longo das duas primeiras décadas de sua carreira.

Ao realizar este estudo sobre a formação de Nino Machado e seus primeiros anos como arquiteto e urbanista, será possível coletar informações que serão fundamentais para a dissertação ora em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo na IMED, intitulada “A Trajetória de Nino Machado em Passo Fundo (1960 a 2010)”.

Mais precisamente, e levando em consideração os questionamentos suscitados, objetiva-se com este artigo identificar e analisar a produção arquitetônica e urbanística de Nino Machado no período em questão.

Cabe destacar, que ainda não foi realizado nenhum estudo sobre a temática da arquitetura no período pós-moderno em Passo Fundo ou sobre o profissional em questão até o momento. Desta forma será possível contribuir com novas informações e registros de obras importantes para a construção histórica da cidade. Além disso, estudar a trajetória do mencionado arquiteto e urbanista é de suma importância, uma vez que suas obras agregam significativamente à paisagem urbana da Passo Fundo, nas mais de seis décadas de sua carreira.

O presente artigo está estruturado em três partes. A primeira está embasada em referências bibliográficas, com a finalidade de entender o contexto histórico em que o Brasil se encontrava no recorte temporal deste artigo. Na sequência, o segundo tópico aborda de forma descritiva a trajetória do arquiteto e urbanista nos anos estudados, com base essencialmente nas entrevistas realizadas. Por fim, as discussões e considerações finais apresentam uma análise que vincula a experiência

e a produção do profissional aos contextos histórico-cultural e tecnológico daquele momento.

METODOLOGIA

Este artigo é de natureza qualitativa, do tipo explicativa, considerando seu objetivo. Para a sua realização foram utilizados essencialmente dados primários, coletados em documentos do acervo pessoal do arquiteto e urbanista e por meio de entrevistas. Também foram consultados livros, dissertações, teses e artigos para contextualizar o período compreendido entre os anos de 1960 e 1970 em termos históricos-culturais e técnico-tecnológicos para embasamento teórico do contexto histórico e arquitetônico do Brasil na época. Para a contextualização histórica do Brasil foi consultado material bibliográfico de Fausto (2001), Bachara; Rodrigues (2015), e Moreira (2011). Já para contextualização arquitetônica do cenário do período foram consultados Sanvito (2002), Zein (2002), Frampton (2003), Franco, Fraga, Farias (2010), Matoso (2011) e Marques (2012). Para o embasamento sobre a arquitetura de Passo Fundo e seu crescimento urbano, foi consultada a bibliografia de Ferretto (2012).

1. AS DÉCADAS DE 1960 E 1970: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Entre as décadas de 1930 a 1960, a arquitetura brasileira vivenciou o chamado período moderno (MARQUES, 2012), que teve o seu ápice com a construção de Brasília (MONTEZUMA, 2010). O vocabulário da arquitetura moderna caracterizava-se, principalmente, pela rejeição de vocabulários arquitetônicos mais antigos, a exemplo da arquitetura do período do Brasil Colônia, e dos ornamentos utilizados neles. As frases mais icônicas e que melhor representam o movimento são “menos é mais”, defendida por Mies Van der Rohe, e “a forma segue a função”, segundo preceitos de Louis Sullivan. Os arquitetos do movimento moderno procuravam trazer elementos que fossem econômicos e que agregassem limpeza visual e utilidade à edificação (FRANCO; FRAGA; FARIAS, 2010). Os arquitetos e urbanistas que seguiam esta vertente, caracterizavam-se por seguir 5 pontos para uma nova arquitetura, elaborados por Le Corbusier. Eram eles: pilotis, que elevam a massa construída acima do solo, liberando seu uso; planta livre; fachada livre; janela em fita; e jardim na cobertura ou teto jardim, como ficou largamente conhecida (FRAMPTON, 2003).

Concomitante a este movimento, a partir do anos de 1950, foram projetadas as primeiras obras com referência à arquitetura brutalista no país. Época em que o processo de industrialização e o campo da construção civil ganharam vulto importante no cenário do país. Neste período, as ornamentações se tornaram ainda menos presentes nas construções, de modo a valorizar a racionalidade construtiva e a flexibilidade de funções nas edificações (MATOSO, 2011).

No ano de 1961, o Brasil estava sendo presidido por João Goulart (1961-1964), cuja administração foi marcada pela presença significativa de movimentos sociais em um contexto urbano que desde a década de 1950 estava passando por um constante crescimento e como acelerada industrialização. Estas mudanças levaram a uma ampliação do mercado para produtos agrícolas e pecuária, fazendo com que a terra tivesse novas formas de posse e de utilização. Nas zonas rurais, as parcelas de terra se tornaram mais produtivas economicamente e os proprietários delas passaram a expulsar posseiros e tornar suas jornadas de trabalho mais rígidas. Por isso, para a defesa da população rural foi criada em 1955 a Liga Camponesa, afim de assegurar direitos contra a expulsão da terra, evitar a elevação do preço dos arrendamentos e eliminar a política do cambião, que defendia que os colonos rurais trabalhassem um dia por semana de graça. A partir destas reivindicações, no âmbito rural foram criados os Congresso dos Trabalhadores Agrícolas e o Estatuto do Trabalhador Rural. Além destes movimentos, os estudantes intensificaram seus protestos, passando a intervir na política. A Igreja Católica passou a demonstrar preocupação com as camadas populares da sociedade (FAUSTO, 2001).

No ano de 1964, foi proposta a reforma agrária, procurando eliminar conflitos pela posse de terra (FAUSTO, 2001). Junto desta surgiu a reivindicação pela reforma urbana, que tinha como principal objetivo implementar medidas capazes de modificar o panorama habitacional, propondo a inquilinos a possibilidade de se tornar proprietários de suas casas alugadas (MOREIRA, 2011). No setor político, surgiu a necessidade do direito de voto de analfabetos e de camadas inferiores das forças armadas. Junto a estas reformas encontravam-se medidas nacionalistas que propunham maior interferência do Estado na vida econômica, alegando que procuravam modernizar o capitalismo e reduzir desigualdade sociais. No entanto, houve resistência das classes dominantes, que optaram por se afastar do governo, pois as incertezas no setor político, poderiam atrapalhar em seus investimentos. Neste cenário, as greves aumentaram, motivadas pela transição de empresas do setor privado para o público, por muitas vezes incentivadas pelo próprio governo, visando os próprios interesses. Estas paralisações se espalharam no território brasileiro, demonstrando um avanço nos movimentos de mobilização social (FAUSTO, 2001).

O governo de Goulart, teve seus poderes controlados pelo sistema parlamentarista que colocava em questão os poderes presidenciais. O parlamentarismo previa um plebiscito, que propunha que a população decidisse sobre o sistema de governo. Com isso, em 1963 foi escolhido o sistema presidencialista e a permanência de João Goulart na presidência. A situação financeira do país se encontrava em situação preocupante, marcada pelo grande aumento da inflação (FAUSTO, 2015), que causava forte desequilíbrio no setor econômico brasileiro, desvalorizando e reduzindo salários, além de causar miséria em famílias de classe média (MOREIRA, 2011). Em 1963, os protestos passaram a ser radicalizados e, no campo, os proprietários rurais começaram a se armar. Entre militares havia uma conspiração contra Jango (FAUSTO, 2001).

Nos últimos meses do governo Jango, em outubro de 1963, o Presidente passou a desviar as decisões tomadas da aprovação do Congresso, realizando reformas de base por decreto (reforma agrária, urbana, educacional, fiscal, administrativa, bancária e cambial). Revelou também que estava por vir uma reforma urbana, afim de possibilitar que inquilinos adquirissem as residências em que moravam. Esta medida causou revolta na classe média, descontente com a instabilidade na propriedade de seus imóveis. Além disso, em março de 1964, com a presença da Associação dos Marinheiros em reivindicações que estavam ganhando destaque, houve a prisão de membros dirigentes, acusados de não respeitar a hierarquia. A partir deste momento, espalharam-se revoltas por vários locais do Brasil. Diante destas turbulências Jango se exilou no Uruguai, atitude que marcou o fim do período democrático no Brasil naquela época (FAUSTO, 2001).

Foram então implementados os atos institucionais (AI) a partir de 1964. O AI-1 iniciou em 9 de abril deste mesmo ano e manteve a constituição de 1946 com o funcionamento do congresso. Estabeleceu eleições indiretas para presidente e dando a ele o poder para alterar a Constituição, suspender direitos políticos e cassar mandatos (BECHARA; RODRIGUES, 2015). O país passou a ser comandado pelo Exército, Marinha e Aeronáutica. Várias medidas impostas a partir de então procuravam reforçar o poder executivo e reduzir a ação do congresso. A partir destas atitudes, foram desencadeadas perseguições as oposições ao regime instalado, havendo prisões e torturas, largamente retratadas pela historiografia especializada. O AI-1 estabeleceu a eleição de um novo presidente com votação indireta do congresso nacional. Foi assim eleito o General Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1966) (FAUSTO, 2001).

O novo presidente procurou estabelecer uma “democracia restringida”. Quanto à economia, pretendia modernizar o sistema capitalista lançando o Programa de Ação Econômica do Governo, com objetivo de reduzir o déficit do setor público, contrair o crédito privado e comprimir salários. Propôs uma lei que proibia as pessoas de se endividarem sem autorização federal. Houve um impacto no custo de vida da população, já que foram aumentadas as tarifas de serviço como energia elétrica, tarifas de telefone, gasolina e um aumento da arrecadação de impostos (FAUSTO, 2001).

Os estudantes, que exerceram um papel importante no governo de Goulart, passaram a ser controlados no governo de Castelo Branco. Com a invasão e incêndio da sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro, os membros deste movimento passaram a atuar clandestinamente. No entanto, as repressões mais violentas aconteceram vinculadas às Ligas Camponesas no Nordeste. Nas cidades houveram intervenções em sindicatos e federações de trabalhadores, envolvendo prisões de dirigentes sindicais. Além disso, muitos políticos de posição esquerdista tiveram seus mandatos cassados. Foi aprovado em novembro de 1964 o Estatuto da Terra, que procurava executar uma reforma agrária. Também foi lançada uma campanha que incentivava a exportação de produtos manufaturados, bem como a venda de produtos agrícolas (FAUSTO, 2001).

Pouco tempo após a outorga do AI-1 foi criada o AI-2 em outubro de 1965. Nele, foi estabelecido que a eleição para presidente e vice-presidente seria realizada pela decisão da maioria do congresso nacional em sessão pública e nominal dessa determinação. O AI-2 estabeleceu a extinção de todos partidos políticos e passou a considerar ilegal os sindicatos. A partir de então, a legislação partidária ficou dividida em Aliança Renovadora Nacional (ARENA), formada por políticos que possuíam ideologias semelhantes à do governo vigente na época e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reunia a oposição (FAUSTO, 2001).

Como sucessor de Castelo, foi eleito o general Artur da Costa e Silva (1967-1969), que possuía um perfil consideravelmente diferente do presidente anterior. Costa e Silva possuía uma carreira militar sólida e apoiava nacionalistas autoritários. Com este perfil, estabeleceu mudanças na área trabalhista, incentivando a formação de sindicatos com lideranças sindicais confiáveis a ele. Estas atitudes fizeram com que a oposição agisse em resposta à repressão e começasse a se articular, o que desencadeou conflitos sociais (FAUSTO, 2001).

Em agosto de 1969, Costa e Silva teve que ser afastado e seu vice-presidente Pedro Aleixo entrou como substituto até o final do ano. O seu governo alcançou melhorias no setor econômico, estabelecendo controles de preços com o intuito de frear a inflação. Houve também recuperação no setor industrial principalmente pela indústria automobilística, de produtos químicos, materiais elétricos, e do setor da construção civil. Entre os anos de 1968 e 1973, o país passou pelo período chamado de Milagre Econômico (FAUSTO, 2001).

Em meados de outubro de 1969, o militar Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), foi escolhido pelas Forças Armadas para ser o novo presidente. Em seu governo enfrentou baixos níveis de oposição, devido às condições econômicas favoráveis, e sua campanha pelo voto nulo. Ainda estava em curso o período do milagre econômico, caracterizado também pelas baixas taxas de inflação e pelo aumento do investimento de capital estrangeiro no país, que favoreceram a indústria automobilística. A construção civil também ganhou força graças a recursos fornecidos pelo Banco Nacional de Habitação. Na mesma época houve uma diminuição do número de programas sociais, acarretando em problemas na saúde, educação e habitação. Foi durante o governo de Médici que aconteceu a primeira grande crise internacional do petróleo, que afetou significativamente a economia do Brasil novamente (FAUSTO, 2001).

No tangente à arquitetura da década de 1960 e 1970, houve um fortalecimento da vertente brutalista, que esteve muito presente nas grandes cidades do país, a exemplo de São Paulo. A arquitetura brutalista teve como principais arquitetos Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha. Caracterizava-se por edificações com horizontalidade, compostas por materiais em estado natural, como concreto aparente, aplicado em grandes vãos e volumes prismáticos, marcados por figuras geométricas e continuidade visual. Outra característica muito presente eram as empenas cegas com a forte presença de concreto aparente em edificações univolumétricas, por vezes elevadas do chão. Possuíam também destaque para elementos de circulação vertical

e horizontal. As edificações eram projetadas com conexão intensional do espaço interno com o exterior. Devido às fachadas cegas, passaram a ser projetadas nas obras zenitais e claraboias para controlar a incidência de luz natural (SANVITTO, 2002) (ZEIN, 2002). A partir da década de 1960, surgiu um estilo como crítica ao movimento moderno, que foi chamado de pós-moderno. Esse movimento conformava-se, em linhas gerais, por uma série de novas propostas arquitetônicas e urbanísticas que criticavam e/ou se opunham ao movimento moderno, seguindo o oposto pregado pelos modernistas, tanto na arquitetura quanto no urbanismo, se materializando em uma série de estratégias projetuais diferentes das vistas anteriormente. São exemplos de profissionais que seguiram o movimento pós-moderno: no grupo Archigram procuravam propor uma arquitetura com embasamentos tecnológicos, inspirada em processos industriais, já os Metabolistas Japoneses, procuravam deixar aparente os sistemas complementares da edificação, apresentando elementos da arquitetura japonesa (FRANCO; FRAGA; FARIAS, 2010).

No ano de 1974, uma importante mudança na Constituição Federal de 1967 ocorreu. Esta mudou a forma de escolha do presidente da república, criando um colégio eleitoral, composto por membros do congresso e delegados das assembleias legislativas dos estados. Geisel foi o primeiro presidente escolhido por esta dinâmica. Seu governo foi caracterizado pela abertura política lenta, gradual e segura. Foi lançado um Plano Nacional de Desenvolvimento que buscava completar o processo de substituição de importações, preocupava-se com a geração de energia e incentivava o desenvolvimento de grandes empresas privadas. Foram recriados sindicatos de trabalhadores bancários, professores, médicos, sanitaristas. Em agosto de 1977, o governo admitiu que manipulou os índices de inflação referentes a 1973 e 1974, o que causou prejuízo aos operários, que tinham suas rendas reajustadas por este índice e deixaram de receber cerca de 31,4% de seus salários reais. Por conta disso, o movimento operário ganhou força liderado por metalúrgicos, que geraram uma grande greve no ano de 1979 (FAUSTO, 2001).

O sucessor de Geisel foi João Batista Figueiredo (1979-1985), governo caracterizado pela abertura política e pelo agravamento da crise econômica devido a manipulação dos índices de inflação e às greves de 1979. Foi quando aconteceu a segunda grande crise do petróleo. Como consequência da crise econômica, houve a dificuldade de ceder novos empréstimos para a população, e quando concedidos, deveriam ser pagos em um curto prazo, desacelerando a economia ainda mais. No ano de 1980, o Brasil entrou em um contexto de política recessiva, no qual os investimentos em empresas estatais foram cortados, as taxas de juros internos cresceram, e houve uma redução do investimento privado. Como consequência dessa recessão, pela primeira vez desde 1947, o PIB brasileiro foi negativo. Com uma crise econômica acentuada, os resultados dela acarretaram em uma diminuição da movimentação no setor da construção civil (FAUSTO, 2001).

2. CONTEXTO ARQUITETÔNICO PASSO FUNDENSE

Passo Fundo, a partir de 1950, passou a observar a intensificação do crescimento urbano da cidade. Este contexto foi resultante, dentre outros aspectos, de significativas mudanças na base da economia, que com a implantação de novas indústrias deixou de ter foco principal na produção agrícola e passou a estar presente também na área urbana. Este período é marcado pela implantação de diversos loteamentos localizados, sobretudo, em áreas periféricas da cidade. Paralelamente a este processo, houve nos anos de 1970 a intensificação da verticalização do centro da cidade, iniciada na década de 1960. Ambos os processos refletem a dinâmica de uma cidade capitalista, onde a terra urbana é vista como um tipo de mercadoria. Nas partes periféricas da cidade houve a expansão ocupada por pessoas de baixa renda, enquanto a parte central foi ocupada por pessoas de classe média alta, e que naquele momento passaram a morar em apartamentos (FERRETTO, 2012).

A expansão urbana na região sudeste da cidade, onde ficam localizados os bairros de São Cristóvão e Planaltina, ocorreu graças à implantação de indústrias entre as décadas de 1950 e 1970. A expansão no sentido nordeste da cidade, no bairro São José é associada à implantação da Universidade de Passo Fundo na década de 1970 (FERRETTO, 2012). É possível observar obras de Nino Machado nestas áreas. São as edificações da UPF e no Centro Administrativo Grazziotin, localizado no bairro São Cristóvão.

Uma das principais obras edificadas na cidade no período foi o Turis Hotel (1961), o primeiro e mais luxuoso da cidade, que possuía em seu térreo um cinema. Além deste, o Edifício Planalto, primeiro edifício residencial construído na década de 1960, e o edifício do Banco do Brasil, construído em 1976, também se destacavam. Nos anos de 1960 também começaram a ser criados e concentrados diversos serviços de saúde nas proximidades do Hospital São Vicente de Paulo no bairro Centro (FERRETTO, 2012).

O setor industrial em Passo Fundo passou a ganhar força na década de 1950, podendo ser citado o Frigorífico Costi, Félix Sana, inaugurado em 1956, na Avenida Presidente Vargas, onde nas imediações também passaram a ser instaladas outras indústrias posteriormente. Também pôde ser observada a implantação de três unidades da indústria metalúrgica Semeato no bairro Vera Cruz, nas proximidades da Avenida Rio Grande (FERRETTO, 2012).

Além destes setores também puderam ser percebidos investimentos no setor habitacional, sobretudo, social, com a criação de habitações sociais que se iniciam na década de 1960. Foram totalizados mais de 2000 unidades habitacionais concebidas pela COHAB-RS, com atuação expressiva principalmente nas décadas de 1970 a 1980, quando foram construídos os conjuntos habitacionais Edmundo Trein, Luiz Secchi, e José Alexandre Zacchia (FERRETTO, 2012).

3. O ARQUITETO E URBANISTA NINO ROBERTO MACHADO E SUA FORMAÇÃO E QUALIFICAÇÃO ACADÊMICA

Nino Roberto Schleder Machado nasceu no dia primeiro de março de 1945, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, cidade em que passou sua infância e adolescência. Coursou todo o seu ensino fundamental e médio no Instituto Educacional Metodista, também conhecido como Colégio IE, onde direcionou os estudos para a área de ciências biológicas. Após finalizar os estudos do último ano na instituição, Nino Machado prestou vestibular para medicina, mas foi reprovado. Posteriormente foi aprovado em odontologia na Universidade de Passo Fundo, onde cursou um mês do curso, mas não se identificou. Desistiu da odontologia e voltou a estudar para o vestibular em medicina (MACHADO, 2020).

No ano de 1963, após ter contato com a construção de casas, o acompanhar do trabalho de seu avô, junto com o interesse por desenhos, descobriu uma grande afinidade com a arquitetura e urbanismo. Mudou-se para Porto Alegre para preparar-se para o processo seletivo da UFRGS através de um curso pré-vestibular, já que no ensino médio não havia cursado matérias que eram eliminatórias no processo seletivo, como desenho técnico, desenho à mão livre e história. Após um trabalho árduo de muito estudo e dedicação, foi aprovado no processo. A prova possuía uma metodologia muito diferente do que é praticado nos dias atuais. Para ser aprovado no curso, os participantes deveriam posicionar-se em locais sorteados em mesas locadas em círculo. No seu centro havia objetos para que os participantes desenhasssem com carvão em papel jornal, conforme o ângulo de observação no qual estavam posicionados (MACHADO, 2020).

Durante a graduação, o então graduando em arquitetura e urbanismo residiu nas proximidades da UFRGS, e chegou a morar nas ruas Jerônimo Coelho, Venâncio Aires e Garibaldi. Para chegar até suas aulas na universidade, nos turnos da manhã e da noite, atravessava o Parque Farroupilha, já na época já era de fácil acesso e seguro. No turno da tarde, o discente estudava e fazia trabalhos acadêmicos bem como desempenhava atividades como estagiário no escritório de Sérgio e Maria Alice Montserrat. Nele, mais detalhadamente, trabalhava como desenhista, com pouco contato com obras em fase de execução ou concluídas. De acordo com entrevista com Machado, o arquiteto defende que a escassez de contato com obras durante a formação de um arquiteto prejudica a sua atuação como profissional, e este é um cenário que se repete até os dias atuais (MACHADO, 2020).

No estágio, onde adquiriu certa experiência profissional, o profissional destacou que aprendeu muito sobre representação gráfica acessível para trabalhadores de obra, de modo que fosse didática e compreensível para estas pessoas, já que eles não foram ensinados sobre desenho técnico. Destacou a importância de maquetes e croquis explicativos, para que a equipe de obra pudesse entender com mais facilidade o projeto proposto e executar de forma correta. Além disso, muitos clientes não conseguiam, e ainda não conseguem, compreender plantas

baixas, cortes e fachadas, já que também não possuem formação em desenho técnico. Por isso, é importante que o arquiteto elabore croquis e desenhos explicativos sobre as propostas para que o projeto seja compreendido (MACHADO, 2020).

Machado (2020) afirma que durante a faculdade de arquitetura e urbanismo, identificava-se mais com matérias de natureza prática e de desenho. Sendo assim, no início do curso mencionou que não gostava da disciplina de história devido à dinâmica das aulas. Porém, com mudanças de professores, acabou se apaixonando pelo assunto. Havia disciplinas de desenho a mão livre, geometria descritiva, história, ética, resistência dos materiais em madeira, ferro e concreto armado. Além destas matérias, também havia o ensino da disciplina de higiene da habitação, onde eram estudados conforto acústico, lumínico e térmico. Na década de 1970, essa matéria chegou a ser removida da grade curricular. No entanto, os aparelhos de ar condicionado acarretavam em um alto custo, e devido a isso, houve o retorno da disciplina para o curso, como um incentivo ao uso de técnicas de conforto térmico (MACHADO, 2020).

Ainda em relação à formação acadêmica superior, merece ser destacado que, além da matéria de higiene da habitação, não havia uma disciplina que ensinasse sobre sustentabilidade em todos os seus aspectos. No entanto, era esperado por parte dos professores que estas diretrizes fossem aplicadas nos projetos. Segundo ele, outro hiato nos cursos de arquitetura e urbanismo desde a sua formação até a atualidade é a falta de ensino sobre a cobrança de honorários, pois isso pode fazer com que a profissão se torne profanada (MACHADO, 2020).

Na época, as disciplinas de projeto eram divididas com um tema por semestre, de forma semelhante ao atual. Os projetos desenvolvidos nas disciplinas eram de residência, escola, clube no Morro da Guarita em Torres, centro comercial, centro comunitário, biblioteca e edifício em altura, cujo desenvolvimentos e assessoramentos ocorriam em duplas ou trios. Nestes, orientava-se um trabalho por vez, mas as dúvidas eram compartilhadas com o restante da turma. Para o desenvolvimento de tais projetos, eram elaborados programas de necessidades juntamente com os professores, logo após era desenvolvido o estudo preliminar, o partido geral e o anteprojeto; etapa de final para a entrega e avaliação do professor. Para machado (2020), os projetos mais complexos foram o do centro comercial e o trabalho de conclusão, em que projetou uma usina atômica. Para a elaboração deste último, o profissional destacou que não havia muitas referências e bibliografias para pesquisa, além de não haver ainda no país nenhuma obra com tal finalidade. Para tanto, Nino Machado e seu colega de elaboração do trabalho final de curso, Leonardo Pelegrini, ganharam uma bolsa da Eletrobras, no Rio de Janeiro, onde passaram um mês pesquisando e receberam assessoramento na Comissão Nacional de Energia Nuclear. “Foi um trabalho que em termos de pesquisa, foi muito produtivo” (MACHADO, 2020).

Na época de faculdade, Nino Machado procurava referências para seus projetos, essencialmente, em livros e revistas. Na opinião do arquiteto, as fontes de pesquisa que utilizou neste período são mais ricas do que a internet atualmente, já

que a pesquisa por estes métodos acaba sendo mais rica em termos de variedade de conteúdo, onde é possível ter acesso a um conjunto de informações que podem complementar o assunto principal da pesquisa. A biblioteca da UFRGS possuía um acervo muito rico e havia grande incentivo para assinar revistas impressas, as quais poderiam ser consultadas desde os primeiros semestres do curso de arquitetura. Além deste método, para guardar referências que o agradavam, Machado tirava fotos e as arquivava para consulta posterior (MACHADO, 2020).

Após os cinco anos de curso, no ano de 1969, Nino concluiu os estudos e voltou a morar em Passo Fundo, já ministrando aulas de desenho técnico na disciplina de matemática aplicada no bacharelado de artes e desenho na Universidade de Passo Fundo (UPF). Logo no início de sua carreira, estabeleceu sociedade com Maria Aldina Porto Nobre, que perdurou por 47 anos. Quando começou a atuar como arquiteto na cidade, aos 23 anos, ainda muito jovem, deparou-se com um cenário de dificuldades, devido à pouca experiência com execuções de obras. Estas dificuldades foram superadas através do contato com a equipe de pedreiros, eletricitistas, marceneiros, já que Nino Machado sempre procurava aprender com a experiência de quem possuía mais conhecimento nesta área do que ele. Segundo o arquiteto, mesmo depois de 51 anos de experiência, continua aprendendo sobre estes assuntos, tendo consciência de que é necessária humildade para absorver conhecimento das mais variadas fontes (MACHADO, 2020).

Já ministrando aulas na UPF, Machado deparou-se com um contexto de concorrência entre professores com mestrado e outros com bagagem de experiência profissional. Por conta disso, no ano de 1998, percebeu a necessidade da inserção no mestrado em arquitetura e urbanismo e voltou a estudar na UFRGS. Em sua pesquisa tratou sobre um modelo de habitação ideal para envelhecer nela, projeto que envolvia muitas questões de acessibilidade. Desenvolveu tal pesquisa obtendo entrevistas com o grupo de pesquisa Centro de Referência e Atenção ao Idoso da Universidade de Passo Fundo (Creati-UPF), no qual foi muito bem recebido e obteve informações muito ricas que contribuíram para sua dissertação. Na pesquisa que desenvolveu junto ao grupo, constatou que situações comuns no dia-a-dia em uma residência, podem ser prejudiciais para a segurança de idosos, como tapetes soltos pela casa, banheiros sem apoio e tomadas muito baixas, entre outros. Além destes questionários, Machado também encontrou referências em materiais franceses e na revista Architectural Records, já que a bibliografia nacional ainda era muito escassa (MACHADO, 2020).

Tanto no período de faculdade, quando no período do mestrado em arquitetura e urbanismo e na vida profissional, Machado esteve envolvido com participações em eventos, como bienais, seminários e congressos. Chegou a participar do seminário internacional de ensino de arquitetura na Guatemala, onde apresentou um trabalho junto com uma aluna. Até os dias atuais, o referido arquiteto e urbanista procura participar de cursos. O último que realizou, no ano de 2020, foi de fotografia para arquitetura e urbanismo, assunto muito admirado por ele (MACHADO, 2020).

Segundo Machado (2020), duas de suas maiores inspirações de carreira e atuação foi o trabalho de Mies Van der Rohe e de Frank Lloyd Wright, arquitetos que contribuíram significativamente para a construção do seu repertório arquitetônico e atuação no mercado. Para Machado, suas obras não se encaixam perfeitamente em nenhum vocabulário arquitetônico, já que o contexto acaba influenciando muito neste quesito e existia uma constante influência do que estava sendo produzido na época, informação que chegava por livros, revistas, internet. Em meados da década de 1970, o brutalismo paulista ganhou destaque, e devido a viagens realizadas à São Paulo, Machado inspirou-se nessas referências e passou a utilizá-las em suas obras. Outro arquiteto por quem Machado possui grande admiração é Oscar Niemeyer, porém, considera suas obras inacessíveis ao cotidiano, já que demandam um grande custo para a construção e técnicas específicas (MACHADO, 2020).

4. OS PRIMEIROS ANOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Durante a sua atuação profissional, Nino firmou parceria com o engenheiro civil Delson Boscarin, que possuía muito conhecimento sobre concreto armado. Devido ao trabalho conjunto, Machado aderiu ao uso do material em suas obras, característica muito marcante até os dias atuais. Em sua concepção, Boscarin era um ótimo calculista e costumava calcular grandes balanços estruturais. Além disso, durante a sua atuação no mercado, Machado também foi muito influenciado pelo seu professor da graduação chamado Meloni, que ministrava a disciplina de estruturas de madeira. A partir dos conhecimentos adquiridos na mencionada disciplina, o arquiteto e urbanista Nino Machado faz uso de grandes vãos na estrutura de madeira, os quais ele mesmo calculava. Por muito tempo, Machado produziu projetos complementares de suas obras, no entanto, posteriormente, firmou parceria com o engenheiro supracitado (MACHADO, 2020).

Seu primeiro projeto em Passo Fundo foi uma residência com aproximadamente 75m². Com o avanço de sua carreira, posteriormente fez projetos de casas com maior metragem, chegando a 1.000m². Em sua carreira os projetos residenciais sempre estiveram presentes. No Rio Grande do Sul, nos primeiros anos após a sua formação como arquiteto e urbanista, as obras de Nino Machado estenderam-se a toda a região de Passo Fundo, Porto Alegre, Santana do Livramento, Santa Maria, Santo Augusto, Pato Branco, São Miguel do Oeste. Com o tempo, começou a projetar em outros estados também, como Mato Grosso, São Paulo e Santa Catarina (MACHADO, 2020).

Entre os anos de 1960 e 1970 foram projetadas 12 obras pelo arquiteto Nino Machado, sendo 11 delas em Passo Fundo. Dos projetos do período, 9 delas foram residências localizadas principalmente no bairro Petrópolis, na vila Vergueiro e no Centro da cidade. No ano de 1974 projetou o Centro Administrativo da Grazziotin e a sede da Embrapa Trigo, no mesmo ano. O Hotel Bertaso foi projetado na cidade de Chapecó em 1978 (Figuras 1 e 2). Alguns de seus projetos do período foram

publicados na revista Projeto. É possível analisar todas as obras das décadas estudadas na Figura 3 (MACHADO, 2020).

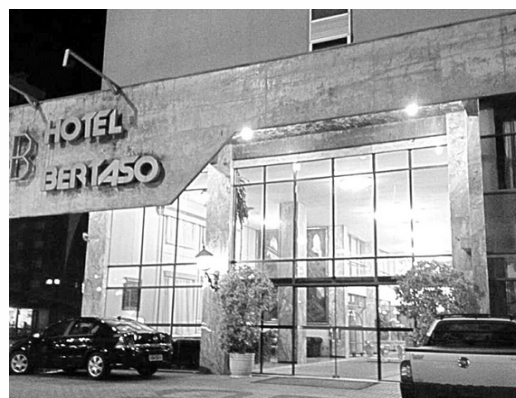
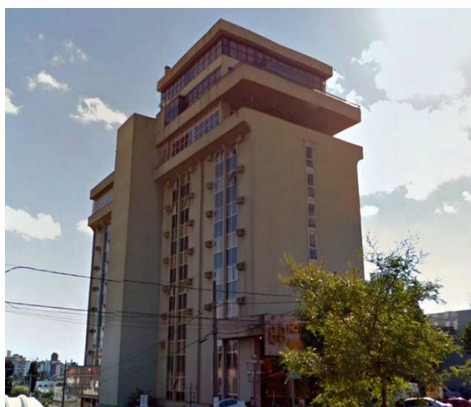


Figura 1: Acesso Hotel Bertaso, projetado em 1978.

Fonte: NR Arquitetos (2020)

Fonte: NR Arquitetos (2020)

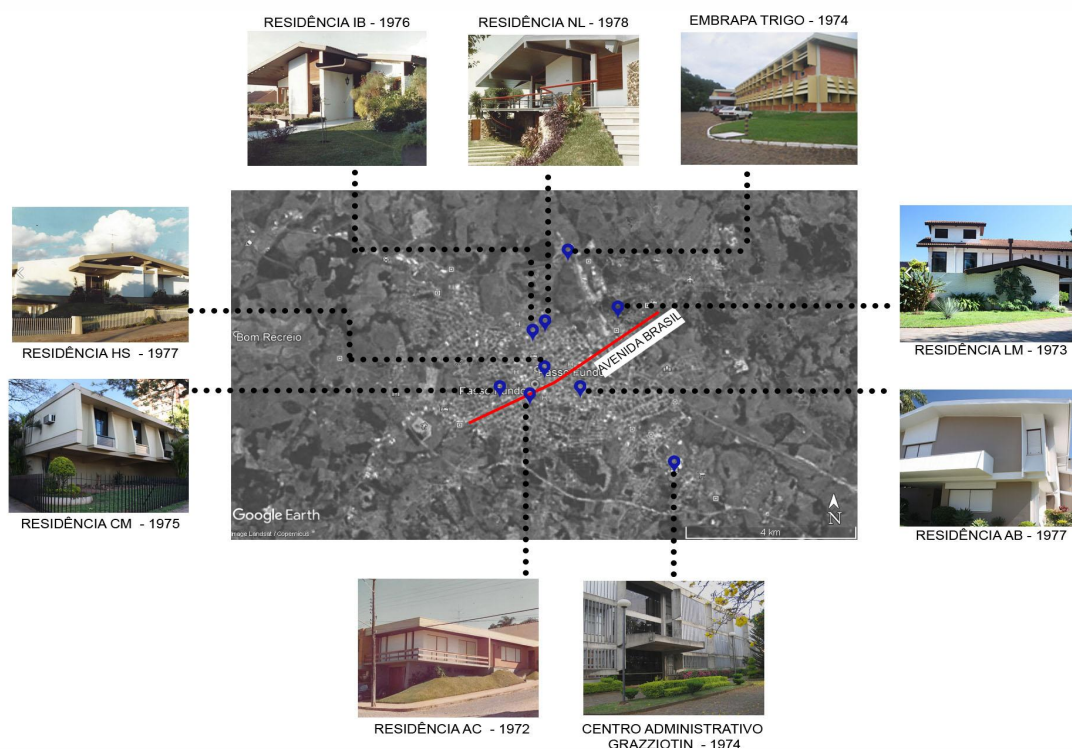


Figura 3: Projetos de Nino Machado na cidade de Passo Fundo na década de 1970.

Fonte: Autora (2020), a partir de imagens do Google Earth e do site NR Arquitetos.

Um dos projetos do arquiteto que datam das décadas de 1960 a 1970 foi um projeto experimental no Colégio Metodista IE, no qual foi instalado aquecimento a lenha em todas as salas de aula. Na mesma instituição também foi projetado o edifício no qual estavam localizados os laboratórios, que recebeu brises verticais na fachada para proteção da incidência solar direta no interior da edificação; não adequada para o desenvolvimento de atividades. Também foi projetada a sede da Embrapa, projeto no qual participou da escola entre três opções de terrenos (MACHADO, 2020).

Em seus projetos Nino procurou utilizar quando possível o telhado aparente, uma vez que considerava este elemento constante e atemporal. Mais precisamente, o profissional desde os primeiros anos de sua carreira considerava a cobertura obstruída por platibanda, característica da arquitetura moderna, uma tendência passageira. Outra característica que procura não utilizar em suas obras eram os painéis envidraçados nas escadas residenciais, pois além de ser um problema para a privacidade da família, tinha a questão do conforto térmico em Passo Fundo. Segundo ele, as medições realizadas em um dia em que a temperatura está em torno de 14°C, ao medir a temperatura em um painel de vidro voltado para o norte, noroeste ou oeste, será obtida em média a temperatura de 29°C; quase 15 graus acima. Esta temperatura elevada do vidro aquece por convicção o compartimento interno. Para fins de comparação, é válido ressaltar que a medida da temperatura de elementos de granito na fachada eram de 19°C (MACHADO, 2020).



Figura 3: Residência AB, projetada com telhado aparente.
Fonte: NR Arquitetos (2020)

Nesse sentido, vale destacar que entre as décadas de 1960 e 1970, na cidade de Passo Fundo, existiam duas edificações que se destacavam na paisagem urbana, ambas projetadas pelo arquiteto Elói Girardello. Eram o Edifício Planalto, de uso misto, localizado na esquina da Rua Independência com a Rua Coronel Chicuta e o Turis Hotel, na Rua Bento Gonçalves, em frente à Praça da Cuia. Ambas sofreram intervenção em que foi reposicionada a pele de vidro em toda a fachada principal.

Estes prédios eram um indício de que a cidade receberia edificações mais modernas ainda naquela época (MACHADO, 2020).



Figura 5: Edifício Planalto, projetado por Elói Girardello.
Fonte: Coligadas (2020)



Figura 6: Turis Hotel, projetado por Elói Girardello.

Entre os materiais mais utilizados pelo arquiteto e urbanista Nino Machado em suas obras, destacam-se o concreto, a madeira e o aço. No entanto, o aço é o menos utilizado devido à falta de cultura do emprego deste material na região, apesar de ser um pólo metal-mecânico brasileiro. Isso também é percebido por parte dos clientes e pela necessidade de pagamento em um curto prazo, assim acaba se tornando menos acessível. No entanto, nas estruturas de concreto, o valor total é maior, mas pode ser pago conforme o andamento da obra, por isso é o mais utilizado (MACHADO, 2020).



Figura 7: Centro Administrativo Grazziotin, obra com o uso de concreto aparente e características brutalistas.
Fonte: Autora (2020)

De acordo com Machado (2020), quanto mais diferenciado o tema de um projeto, melhor ele é, já que é necessário um aprofundamento do conhecimento por meio da pesquisa e por referências. Para ele, uma boa arquitetura é aquela que cumpre com a sua finalidade, e que possui beleza, para que, quando deixar de cumprir sua utilidade inicial, ainda continue sendo bela. Em seus projetos, Nino procura proporcionar aos seus clientes e à cidade, uma arquitetura que tenha boa qualidade em diferentes os pontos de vista, principalmente para o cliente. Nino está sempre em busca de conhecimento, segundo ele, o arquiteto deve ser curioso, para aprender a interpretar a vida e o cotidiano, e aplicar este conhecimento em suas obras (MACHADO, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações coletadas através da revisão bibliográfica e das entrevistas realizadas com o arquiteto Nino Roberto Schleder Machado, foi possível relacionar o contexto histórico e urbano da cidade de Passo Fundo com a produção arquitetônica no início de sua carreira e com a sua formação acadêmica em instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul.

O arquiteto vivenciou sua formação nos anos em que o regime militar prevaleceu no país, e por conta disso, segundo o entrevistado, alguns professores com quem teve contato na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sofreram perseguição, censura e/ou foram afastados da docência. Nino Machado começou a atuar profissionalmente nos anos em que o Brasil passava pelo chamado “milagre econômico”. Nesse sentido, é importante destacar a evidente influência da economia no setor da construção civil, e como este cenário favorável pode ter sido um fator que impulsionou o início de sua carreira em Passo Fundo. Nas décadas estudadas, o profissional projetou doze das cerca de cem edificações de sua autoria, cenário consideravelmente positivo no início de carreira, considerando que três destas, foram grandes edificações comerciais, como o Centro Administrativo Grazziotin, a Embrapa Trigo e o Hotel Bertaso. Já na década de 1970, houve pouco incentivo por parte do governo em suas instâncias federal, estadual e municipal em políticas habitacionais, fato que também pode ser observado nas obras de Nino Machado, com a ausência de obras de habitação popular naquela época.

Quanto ao contexto arquitetônico brasileiro, o país vivenciava, nas cidades mais urbanizadas e cosmopolitas, o período da arquitetura e urbanismo conhecido como pós-moderno, em outras, o brutalista e a rusticidade plásticas dos materiais em sua forma natural imperavam. Naquelas de pequeno e médio portes, geralmente localizadas no interior dos estados, ainda se observa a Arquitetura e Urbanismo Modernos. Havia, assim, uma certa simultaneamente, salvo as devidas proporções e temporalidades.

Nesse contexto, nas obras do arquiteto e urbanista aqui estudado, em Passo Fundo, é possível perceber características brutalistas no uso de materiais em seu aspecto natural, como concreto, pedras, madeira e vidro aplicados em fachadas. No

entanto, mesmo com características brutalistas, suas obras ainda possuíam herança da arquitetura moderna em seus elementos construtivos e diretrizes de organização espacial, observadas por meio da larga utilização de brises, janelas em fita e nas plantas livres.

Ao analisar o desenvolvimento da cidade de Passo Fundo entre as décadas de 1960 e 1970, é possível afirmar que o arquiteto contribuiu para o processo de expansão urbana da cidade, principalmente com aproximadamente nove projetos residenciais. Alguns situados em área mais periféricas, como a vila Nicolau Vergueiro e o bairro Petrópolis. Além destes projetos residenciais, foram projetadas edificações institucionais, como a Embrapa Trigo e o Centro Administrativo Grazziotin, que acarretaram em desenvolvimento urbano dos seus entornos e para o crescimento econômico de Passo Fundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHARA, Gabriela Natacha; RODRIGUES, Horácio Wanderlei. **Ditadura militar, atos institucionais e Poder Judiciário**. 2015. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rjd/article/view/5611>. Acesso em: 27 jun. 2020.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. ... São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERRETTO, Diego. **Passo Fundo: estruturação urbana de uma cidade média gaúcha**. 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-17072012-143123/pt-br.php>. Acesso em: 27 jun. 2020.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

FRANCO, Gabriel; FRAGA, Renata; FARIAS, Ana Maria de Souza Martins. **Arquitetura moderna e pós-moderna: mudança de paradigma**. 2010. Disponível em: https://historiadaarquitetura3.files.wordpress.com/2013/07/arquitetura_modernaepos.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.

MACHADO, Nino Roberto Schleder. **Formação e início da atuação profissional de Nino Roberto Schleder Machado nas décadas de 1960 a 1970**. [Entrevista cedida a] Lisiane Zwirtes. Passo Fundo, jun. 2020.

MARQUES, Sergio Moacir. **Fayet, Araújo & Moojen - arquitetura moderna brasileira no sul 1950/1970'** 01/12/2012 746 f. Doutorado em ARQUITETURA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/65665>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MONTEZUMA, Roberto. **Arquitetura Brasil 500 anos**. 2010. ENANPARQ. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/103/103-253-1-SP.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MOREIRA, Cássio Silva. **O projeto de nação do governo João Goulart: o Plano Trienal e as Reformas de Base (1961-1964)**, 2011. Programa de pós-graduação em economia, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2686/1/FPF_PTPF_17_0038.pdf. Acesso em: 01 jul. 2020.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. **As questões compositivas e o ideário do brutalismo paulista**. 2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22162/000336470.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 jun. 2020.

ZEIN, Ruth Verde. **Brutalismo, escola paulista: entre o ser e o não ser**. 2002. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Ruth.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.